




ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DA HANSENÍASE NA REGIÃO SUDESTE DO BRASIL

Vinícius Guedes Lima Bahia¹, Arthur Avelino Feitosa Pereira¹, José Felipe de Oliveira neto¹, Matheus Jales Menezes¹, Thales Andrade Louzada Braga¹, Thiago Cavalcanti Pinheiro¹, Averlândio Wallysson Soares da Costa¹

 <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n10p2719-2731>
Artigo recebido em 30 de Julho e publicado em 18 de Outubro de 2024

ARTIGO ORIGINAL

RESUMO

Este trabalho trata-se de um estudo epidemiológico a respeito da enfermidade hanseníase no Sudeste brasileiro no período de 2019 a 2023, sendo utilizados dados da plataforma online do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS). Com base nesses dados, foram obtidos os resultados que apontaram maior prevalência de casos de hanseníase na população masculina em relação à feminina, já a faixa etária mais afligida foi composta por pessoas de 40 a 69 anos de idade. Os dados também apontaram que pessoas de raça branca e parda são as mais acometidas pela patologia quando comparadas com outras raças. Por fim, a forma clínica mais prevalente foi a dimorfa em todos os estados do sudeste brasileiro. Assim, é possível concluir que a hanseníase ainda é uma questão de saúde pública na região Sudeste do Brasil e que há necessidade de mais estudos futuros para compreensão maior da prevalência e incidência dessa doença.

Palavras-chave: Hanseníase, Epidemiologia, Prevalência.



EPIDEMIOLOGICAL ANALYSIS OF LEPROSY IN THE SOUTHEAST REGION OF BRAZIL

ABSTRACT

This paper is an epidemiological study of the disease leprosy in southeastern Brazil from 2019 to 2023, using data from the online platform of the Department of Informatics of the Brazilian Unified Health System (DATASUS). Based on this data, results were obtained that showed a higher prevalence of leprosy cases in the male population compared to the female population, while the most afflicted age group was made up of people aged 40 to 69. The data also showed that white and brown people are the most affected by the disease when compared to other races. Finally, the most prevalent clinical form was dimorphic in all the states of southeastern Brazil. It is therefore possible to conclude that leprosy is still a public health issue in the southeast of Brazil and that there is a need for further studies to gain a better understanding of the prevalence and incidence of this disease.

Keywords: Leprosy, Epidemiology, Prevalence.

Instituição afiliada – 1 - Universidade Potiguar

Autor correspondente: Vinícius Guedes Lima Bahia - viniciusqlimabahia@gmail.com

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma patologia de quadro crônico e infeccioso que afeta principalmente países subdesenvolvidos como o Brasil, Angola e Índia. Devido à associação da doença com a situação socioeconômica vivida por grande parte da população desses países, viver com baixa renda, sem acesso à educação e à saúde básica. Conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), no ano de 2013 houve o registro de casos de hanseníase em 115 países do mundo, havendo a prevalência significativa de países subdesenvolvidos em relação às nações desenvolvidas¹.

O agente causal da doença é o *Mycobacterium Leprae* (M.L), tal agente é classificado como um bacilo álcool-ácido resistente que possui afinidade com as células da derme e da glia, especificamente as células de Schwann. Importante salientar que o ser humano é considerado o hospedeiro alvo do ML, tornando o ser humano o grande responsável pela propagação da doença. Ou seja, indivíduos com ML e com alta carga bacilar podem transmitir a doença para outros, através da eliminação do ML pelas vias áreas superiores que irão fazer contato direto com pessoas saudas, sujeitando-as à contração da enfermidade. Ademais, lesões de pele com características de destruição da derme podem servir como meio de entrada para o ML, em pessoas sem contato prévio com a doença².

As manifestações clínicas da hanseníase podem variar conforme a forma da doença que o indivíduo possui. Os tipos de hanseníase são: tuberculoide, virchowiana, dimorfa e indeterminada. Os sinais típicos da doença são manifestados através de lesões de pele com a formação de placas eritematosas, máculas, pápulas e nódulos com bordas podendo ser bem definidas ou mal definidas. Há diminuição ou perda total de sensibilidade, sendo uma das primeiras alterações, à perda da sensibilidade térmica. Além disso, pode haver um quadro agudo ou crônico de câimbras, formigamento e choques, provocando uma perda funcional na vida do paciente e levando inclusive a um quadro de incapacitação total^{3,4}.

No ano de 2000, a OMS relatou o registro de 597.232 casos da hanseníase no mundo, havendo um aumento de número de casos para o ano de 2021, com a notificação de 719.330 casos da patologia, e para esse ano de 2021, o Brasil foi considerado o segundo país com maior número de casos da doença no mundo. Também,



foi observado que no período de 2000 a 2005 o Brasil registrou números expressivos da moléstia e que apenas em no tempo de 2005 a 2015 foi apontado uma queda no número de hanseníase a cada ano, sendo uma diminuição pequena e sem conseguir alcançar metas estabelecidas pelos órgãos de saúde do governo. Destacando, assim, a prevalência e a incidência de hanseníase no Brasil, no intervalo de tempo de 2016 em diante ⁵.

Dessa forma, é evidente que a hanseníase é uma questão de saúde pública vigente no Brasil. Assim, este artigo tem como objetivo realizar um estudo epidemiológico sobre hanseníase na região Sudeste do Brasil, no período de 2019 a 2023.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo epidemiológico do tipo quantitativo e descritivo. O qual utilizou dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS) para construção do artigo. Via DATASUS ocorreu o acesso aos casos de hanseníase registrados desde 2001 no Brasil, assim selecionado os estados que compõem o Sudeste no período de 2019 a 2023, houve o acesso às informações.

Para elaboração do estudo foi acessado os dados de forma de individualmente dos estados de Espírito Santo (ES), de Minas Gerais (MG), do Rio de Janeiro(RJ) e de São Paulo (SP), após isso houve os usos dos seguintes filtros de busca: sexo, raça, ano de diagnóstico, faixa etária, forma clínica de notificação e frequência.

As informações conseguidas pelo DATASUS foram tratadas através do programa Microsoft Excel para resultar na construção do campo de resultado do artigo. Vale salientar que os dados do DATASUS são de domínio público e de livre acesso, logo, não houve necessidade de aprovação prévia do estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

RESULTADOS

Conforme a realização do tratamento de dados foi observado uma frequência de 17031 casos de hanseníase no Sudeste brasileiro entre 2023 a 2019, desse todo 9725 casos foram na população masculina, correspondendo a 57% das ocorrências da doença,

já no público feminino houveram 7306 casos, correspondendo a 43% das ocorrências de hanseníase. Relacionados aos quatro estados que compõem a região Sudeste, houve destaque para SP, como território com maior número de ocorrência da hanseníase, com 5841 casos confirmados, já a região com menor número foi ES, com apenas 1993 casos da doença. Em relação à faixa etária, os dados apontaram que indivíduos com idade entre 40 a 69 anos encontram-se na faixa etária mais acometida pela hanseníase nas diversas formas clínicas dela.

Relacionado às formas da doença, é cabível classificá-las em cinco formas, sendo estas: indeterminada, tuberculoide, dimorfa, virchowiana e não classificada. Assim, a tabela 1 mostra as informações de que a forma dimorfa é a mais prevalente, com 7295 casos, já a forma tuberculoide é a menos notificadas com apenas 2039 casos. Ademais a tabela 1 apresenta o dado de que MG e SP possuem números próximos de notificação da doença, com 5213 casos e 5841 respectivamente.

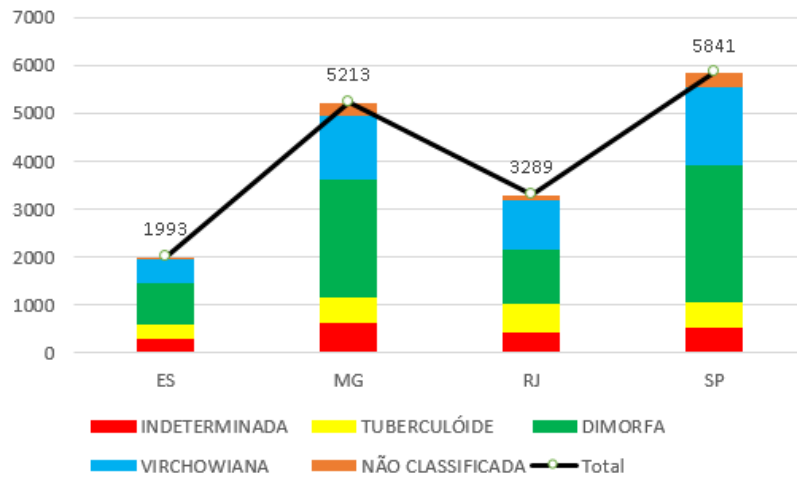
Tabela 1- Forma clínica da hanseníase no estados que compõem o território do Sudeste do Brasil.

Forma clínica da notificação	Espírito Santo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	São Paulo
Indeterminada	299	603	403	503
Tuberculoide	299	556	627	557
Dimorfa	868	2453	1110	2864
Virchowiana	489	1339	1054	1628
Não classificada	38	262	95	289
Total	1993	5213	3289	5841

Fonte: Autores, 2024.

No gráfico 1, é evidente que os estados de MG e SP possuem a maior quantidade de indivíduos com hanseníase, sendo estes valores, respectivamente, 5213 casos e 5841 casos. Ademais, o gráfico 1 ressalta que, independente do território a forma dimorfa é a mais presente, seguida da forma virchowiana, indicando perfis do tipo de hanseníase similar nas regiões.

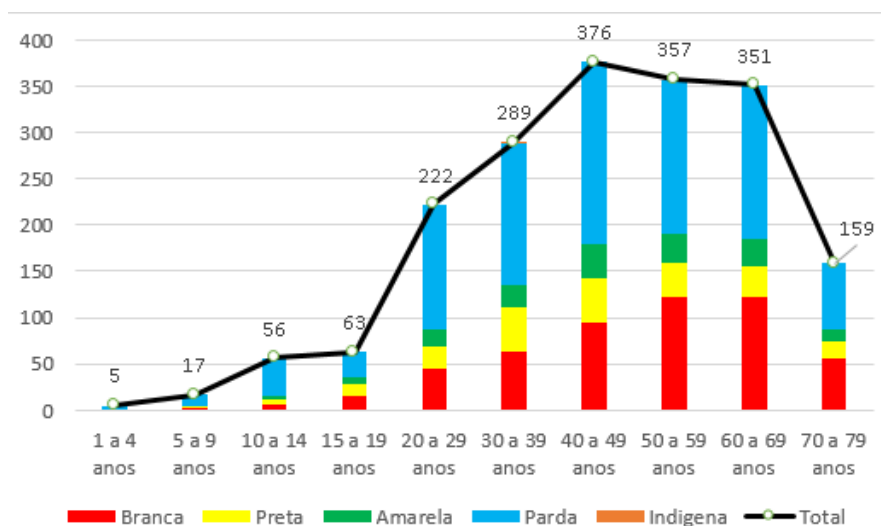
Gráfico 1: Casos de hanseníase no Sudeste brasileiro de acordo com a forma clínica de apresentação da doença.



Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN Net.

No gráfico 2 é observada a distribuição da hanseníase relacionada à raça e à faixa etária da população de ES, ficando evidente que pessoas de 40 a 49 anos foram as mais afetadas, e com números próximos estão as pessoas com idade entre 50 a 59 anos e 60 a 69 anos. Já no quesito raça, a parda foi a que conteve maior número de doentes, com um total de 972 casos. Já a raça com menos casos foi a indígena com registro de apenas 1 caso.

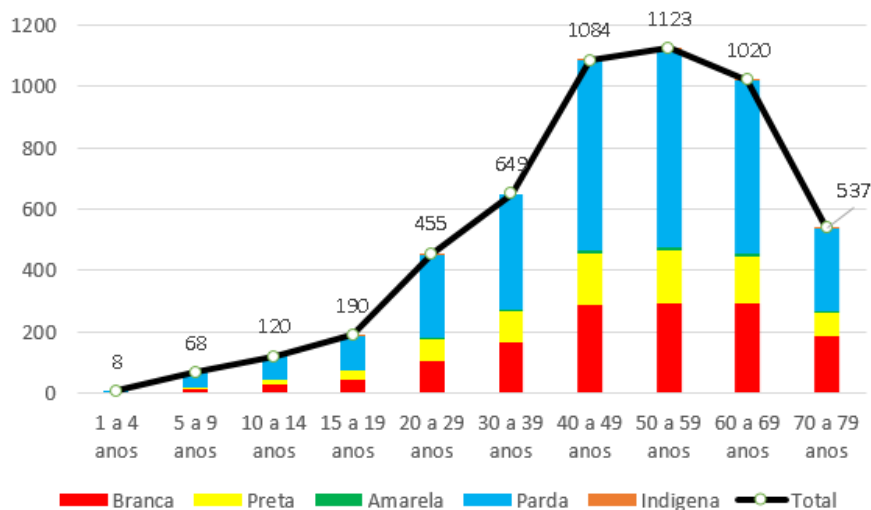
Gráfico 2: Casos de hanseníase no ES, relacionado a raça e faixa etária.



Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN Net.

No gráfico 3, é visto para o Estado de MG a propagação da doença com critérios de raça e faixa etária, sendo exposto que a faixa etária mais acometida é composta por pessoas de 50 a 59 anos, seguida das faixas etárias de 40 a 49 anos e 60 a 69 anos. A respeito da raça, pessoas pardas e brancas foram as mais afetadas, com respectivamente, 2979 casos e 1428 casos.

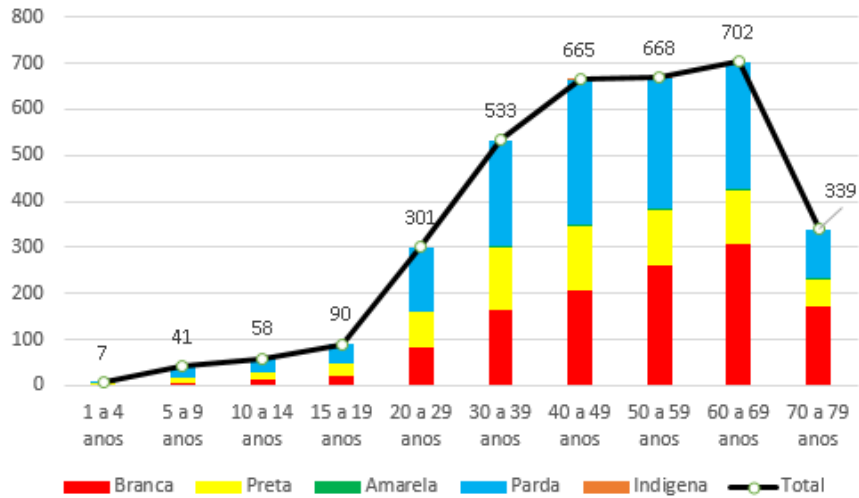
Gráfico 3: Casos de hanseníase em MG, relacionado a raça e faixa etária.



Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN Net.

No gráfico 4, é possível visualizar a distribuição das diversas formas da hanseníase no RJ, utilizando como parâmetros a raça e a faixa etária. Com isto em mente, o gráfico 4 aponta que pessoas com idade entre 60 a 69 anos são as mais afetadas, seguido de pessoas com idade entre 50 a 59 anos e 40 a 49 anos respectivamente. No que tange à raça, pessoas de raça parda e raça branca foram as mais afetadas, com respectivamente 1443 casos e 1234 casos.

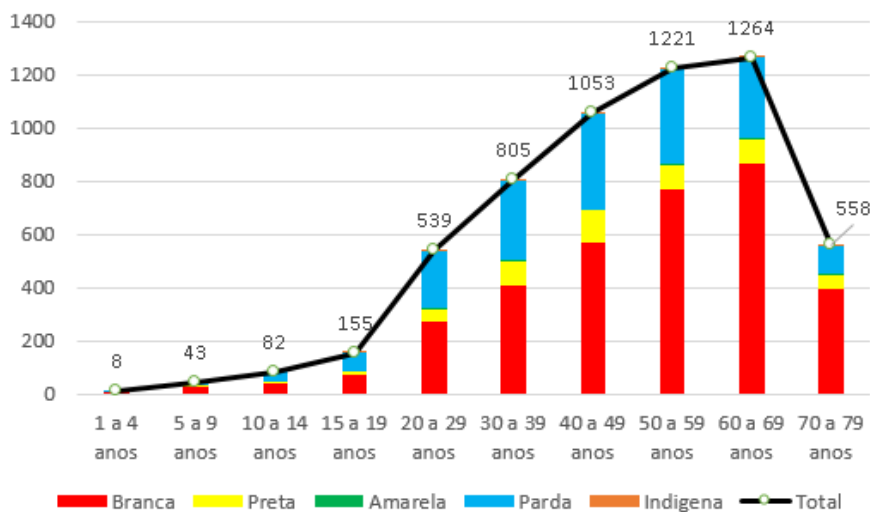
Gráfico 4: Casos de hanseníase no RJ, relacionado a raça e faixa etária.



Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN Net.

No gráfico 5 é visto o arranjo da hanseníase no Estado de SP correlacionado à raça e à faixa etária. Com os dados do gráfico 5, é plausível apontar que o foco da doença ocorre em pessoas com idade entre 60 a 69 anos, seguido de pessoas de 50 a 59 anos e 40 a 49 anos. Correlacionado à raça, mais afetada foi a branca, seguida da raça parda, sendo o número de casos nestas duas raças foram respectivamente, 3409 casos e 1757 casos.

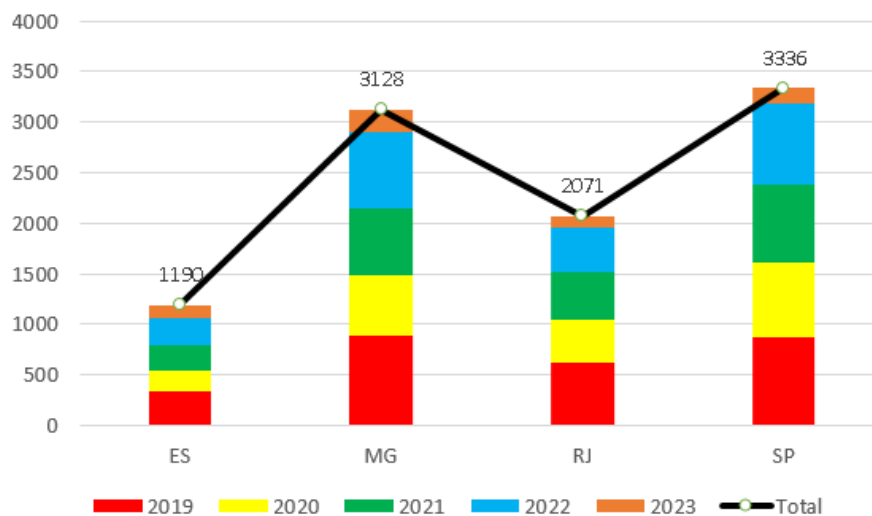
Gráfico 5: Casos de hanseníase em SP, relacionado a raça e faixa etária.



Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN Net.

No gráfico 6 é observado o perfil da patologia para a população masculina do Sudeste, no período de 2019 a 2023. Fica explícito que a taxa de casos entre 2019 a 2022 foram próximas e, a 2023, possuiu menor quantidade de casos. O ano com maior número de casos foi 2019 com 2721 casos e 2023 o ano com menor número, com 611 casos apenas. Ademais, a região de SP foi o local em que houve maior número de homens lesados pela hanseníase.

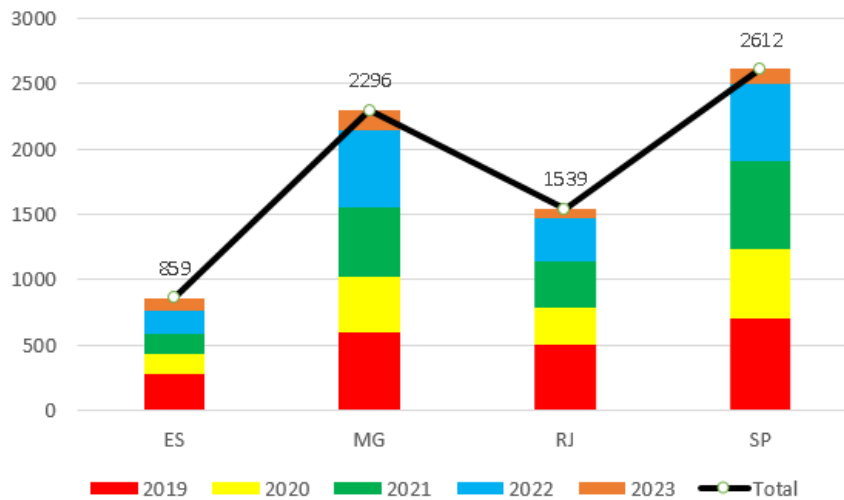
Gráfico 6: Número de casos de hanseníase na população masculina do Sudeste do Brasil.



Fonte: Autores, 2024.

Através do gráfico 7, é visualizada a distribuição da doença no público feminino da região Sudeste do Brasil, no período de 2019 a 2023. Assim, é visualizado que a população composta por mulheres apresentou um número próximo de casos da doença em todos os anos, mas o ano que demonstrou maior quantidade foi o de 2019, com 2089 casos e o ano com menor quantidade foi o de 2020, com 1386 casos. Outrossim, SP foi a região em que mais mulheres sofreram pela enfermidade da hanseníase.

Gráfico 7: Número de casos de hanseníase na população feminina do Sudeste do Brasil.



Fonte: Autores, 2024.

DISCUSSÃO

Conforme demonstrado no campo de resultados deste artigo, há um predomínio de casos de hanseníase em pessoas de raça branca e parda, isto pode ser explicado devido ao fato que no Brasil há o maior predomínio de população de raça parda, com representação de 45,3% de toda a população do Brasil se identifica como parda, já 43,5% se autodeclaram como brancas⁶. Ademais, análises de casos de hanseníase no Brasil no período de 2012 a 2023 evidenciam o mesmo padrão de raças mais acometidas em outras macrorregiões da nação⁷.

A respeito da faixa etária mais afetada, as informações desse trabalho apontam que adultos mais velhos são os mais acometidos, e isto pode estar relacionado ao diagnóstico tardio da doença, que tem suas manifestações iniciais ocorrendo após período longo de contaminação pela doença, além disso, casos de hanseníase são muitas vezes apenas diagnosticados em fase mais tardia da doença pela similaridade inicial dos sintomas com outras doenças dermatológicas o que fazem não serem notificadas inicialmente e assim o indivíduo pode passar longos períodos com a doença antes da mesma ser diagnosticada e tratada corretamente⁷. Por isso, pessoas do grupo de 40 a 69 anos são as de fato mais notificadas para essa enfermidade.

Relacionado à apresentação clínica da doença, a forma dimorfa foi a mais prevalente em todos os estados do Sudeste. Tal apresentação da doença também é a mais prevalente em todo o Brasil⁸. Sendo a apresentação clínica da dimorfa facilmente confundida com tuberculose ou virchowiana ao depender do estágio que a dimorfa



encontra-se, o que explica o maior número de notificações da doença em comparação com as outras formas⁹.

Sobre o sexo biológico mais afetado pela patologia, os dados apontam que pessoas do sexo masculino foram as mais afetadas, independente da região do Sudeste analisada, trazendo essa comparação para um espectro maior, é visto que no Brasil o sexo masculino é frágil a contaminação e manifestação da hanseníase, destaca-se a forma multibacilar como a mais presente no sexo masculino. Já nas mulheres, a apresentação típica é a paucibacilar. Devido à manifestação clínica mais evidente e mais grave da forma multibacilar sobre a paucibacilar, os homens por vezes acabam necessitando de um nível de atenção por mais tempo que as mulheres para o tratamento da doença, o que resulta em um maior tempo e probabilidade para notificação da doença, podendo ser essa uma explicação para o maior número de casos da hanseníase em homens quando comparado às mulheres¹⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme as informações ofertadas por esse trabalho, é lúcido que a hanseníase é um problema de saúde pública do Sudeste e que, apesar de uma queda no número de casos de 2019 para 2023, ainda há um número bastante expressivo de casos da enfermidade, principalmente na região de SP. O perfil epidemiológico constatado por este estudo para hanseníase é composto por pessoas do sexo masculino com idade entre 40 a 69 anos e de raça branca ou parda. Ademais, a forma de apresentação típica da doença é a dimorfa.

Com isto, é cabível afirmar a necessidade de estudos futuros na área científica para maior entendimento da hanseníase e da população mais vulnerável à doença. Permitindo que os órgãos de saúde público e privado tracem estratégias de combate à disseminação da doença e aos prognósticos mais severos da doença por não notificação em tempo ágil da enfermidade.

REFERÊNCIAS

1. Brasil M da S. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas da hanseníase [internet]. Governo do Brasil. 2022 [cited 2024 Aug 8]. <https://www.gov.br/conitec/pt->



br/midias/protocolos/publicacoes_ms/copy_of_20230131_PCDT_Hanseníase_2022_etronica_ISBN.pdf (accessed 2024 Aug 8)

2. Araújo MG. Hanseníase no Brasil. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical [Internet]. 2003 Jun [cited 2024 Aug 8];36(3):373–82. <https://doi.org/10.1590/s0037-86822003000300010>

3. Ribeiro MD, Silva JC, Oliveira S. Estudo epidemiológico da hanseníase no Brasil: reflexão sobre as metas de eliminação. Revista Panamericana de Salud Pública [Internet]. 2018 [cited 2024 Aug 9];2(1):1–7. <https://doi.org/10.26633/rpsp.2018.42>

4. Brito KKG de, Andrade SS da C, Santana EMF de, Peixoto VB, Nogueira J de A, Soares MJGO. Revista Gaúcha de Enfermagem Artigo original. Revista Gaúcha de Enfermagem [Internet]. 2015 [cited 2024 Aug 9];2(1). <https://doi.org/10.1590/1983->

5. Junior LARF, Sotto MN, Trindade MAB. Hanseníase: características clínicas e imunopatológicas. Anais Brasileiros de Dermatologia (Portuguese) [Internet]. 2022 May 1 [cited 2024 Aug 9];97(3):338–47. <https://doi.org/10.1016/j.abdp.2022>

6. Brasil I. Pardos são maioria da população brasileira pela primeira vez, indica IBGE [Internet]. Secretaria de Comunicação Social . 2023 [cited 2024 Sep 6]. <https://www.gov.br/secom/pt-br/assuntos/noticias/2023/12/pardos-sao-maioria-da-populacao-brasileira-pela-primeira-vez-indica-ibge#:~:text=No%20Censo%20de%202022%2C%20mais> (accessed 2024 Sep 6)

7. Rollemberg CEV, Santos B de S, Silva RS, Paradis RJM, Vieira R da S, Lisboa KH, et al. Perfil epidemiológico da hanseníase no Brasil. Research, Society and Development [Internet]. 2024 May 1 [cited 2024 Sep 7];13(4):e11713445585–e11713445585. <https://doi.org/10.33448/rsd-v13i4.45585>

8. Brasil M da S. GUIA PRÁTICO SOBRE A HANSENÍASE [Internet]. bvs.br. 2017 [cited 2024 Sep 8]. https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_pratico_hanseníase.pdf (accessed 2024 Sep 8)

9. Foss NT. ASPECTOS IMUNOLÓGICOS DA HANSENÍASE [Internet]. 1997 [cited 2024 Sep 8].

<file:///C:/Users/Guilherme/Documents/Medicina/pesquisa/Grupo%2006/refer%C3%Aancia%202.pdf> (accessed 2024 Sep 8)



10. Silva VS da, Braga IO, Palácio MAV, Takenami I. Cenário epidemiológico da hanseníase e diferenças por sexo [Internet]. Sbcm.org.br. 2021 [cited 2024 Sep 8]. <http://www.sbcm.org.br/ojs3/index.php/rsbcm/article/view/805> (accessed 2024 Sep 8)